

3 + 1

Three Colours: Green

Evy Jokhova

11.11.22 – 07.01.23

Inauguração, 11.11.22, 18h – 21h

Cada ser vivo não é uma coisa singular, mas uma pluralidade; mesmo no caso em que nos aparece como indivíduo, persiste, contudo, como uma colecção de seres vivos autónomos, que segundo a ideia, segundo a disposição, são iguais, mas quando se manifestam podem ser iguais ou semelhantes, desiguais ou dissemelhantes. Estes seres estão em parte originalmente já unidos, em parte encontram-se e reúnem-se. Separam-se e procuram-se de novo e provocam assim uma produção infinita de todas as maneiras e em todas as direcções.¹

J. W. von Goethe

*Gone
Into the rain today
Wet fields of green
No I don't stay long
You always find me
(...)
You can chase me
I'm only seeing green²*

Abraham Marder

Comecemos por pensar numa viagem traçada entre aquilo que viemos a conceber, com o passar dos tempos e mediante as várias manifestações da fé e crença humanas, como inferno e paraíso, ou trevas e luz, esses dois lugares que, no nosso imaginário humano, podem vir a aguardar-nos além da vida. São vários os autores que pensaram e percorreram esta viagem; entre eles, Dante e Goethe. Sabemos, então, que o inferno é lugar de sofrimento, de desespero e castigo; o paraíso, por sua vez, lugar de felicidade e de esperança. Mais do que qualificá-los enquanto lugares a esperar, pensar acerca dos sentimentos que caracterizam estes ditos lugares é reflectir sobre algo que diz respeito, muito intimamente, a nós, seres humanos: às inquietações, lamentos e lutos que nos afligem, ou à ventura, à alegria e ao júbilo de que desfrutamos, durante as nossas vidas. A ideia de “inferno” é tradução diária do esgotamento, ou por vezes do tédio, dos tormentos, das angústias, das derrotas e desalentos que experienciamos, ao passo que a de “paraíso” é tradução da expectativa de algo mais difícil de alcançar, tarefa árdua de cumprir, mas à qual, no entanto, reconhecemos a possibilidade, muito íntima e profundamente, em preciosos e inesquecíveis instantes; aquando de um momento partilhado com alguém que muito amamos, ou de um abraço longo que desfaz as saudades num reencontro, gargalhadas genuínas partilhadas entre amigos, lágrimas ternas por assistir à felicidade do outro, sonhos e desejos realizados, esperanças cumpridas. Torna-se então claro que a sensação daquilo que podemos exprimir como “inferno” é sobretudo experienciada no isolamento, o sentimento de desamparo que se revela como algo traduzível apenas para nós próprios, mesmo que não estejamos sozinhos, ao passo que a sensação de “paraíso” é experienciada, sobretudo, na partilha que acontece e se conquista com e entre os outros.

¹ J. W. von Goethe, «Die Absicht eingeleit», Zur Morphologie I, 1, 1817 (HA 13, pp. 54-56), in *A Metamorfose das Plantas*, tradução, notas e apêndices de Maria Filomena Molder, Lisboa: Edições do Saguão, 2022, p. 82.

² “Green”: Música original de Abraham Marder para o filme “Sound of Metal” (2019), de Darius Marder.

3 + 1

Sobre esta viagem que, constatamos, não diz respeito tão-somente a um percurso para além da vida, mas sobretudo ao caminho percorrido durante a própria vida, há um conto muito antigo que narra, à maneira de parábola, a história de um homem que viajou à terra do «sofrimento» e à terra da «felicidade».

Quando este homem chega à terra do sofrimento, depara-se com uma longa mesa onde é servida uma sumptuosa refeição. O cenário parece-lhe inacreditável, estranho até, pois não lhe parece haver qualquer tipo de sofrimento ou infortúnio ali, tal como esperava encontrar. Apenas uma mesa rica e farta em iguarias. O homem atenta então nos habitantes dessa terra que começam a reunir-se à volta desta mesa. Com uma expressão faminta e corpos malnutridos, eles pegam em singulares e bizarros utensílios para usar durante a refeição. São colheres muito longas e difíceis de manejar. É então que todos começam a tentar alcançar os alimentos mais deleitosos, lutando uns com os outros para ficar com as melhores iguarias. Mas quando tentam, sofregamente, levar a longa colher à boca, a comida caía, privando-os de alimento. Enquanto continuam nesta interrupta e intensa luta nefasta por se alimentar, a angústia e o medo do visitante, que assiste àquela cena, é cada vez maior. Resolveu então dirigir-se à terra da felicidade. Ali, encontrou exactamente a mesma mesa, que apresentava o mesmíssimo banquete. Transtornado com a cena a que tinha acabado de assistir, e observando os habitantes desta terra chegar e sentarem-se calmamente em redor da mesa de refeição, considerou que deveria imediatamente avisá-los que estes não iriam conseguir comer, pois os utensílios eram demasiado longos para levar o alimento à boca, resultando numa nova luta trágica e desastrosa. Contudo, no momento em que se ia dirigir a eles, deparou-se com um fenómeno inesperado: os habitantes pegavam nos enormes talheres e levavam os alimentos à boca uns dos outros, deleitando-se com os vários pratos do banquete. Desta forma, conseguiam alcançar e comer as maravilhosas iguarias, ultrapassando a avidez própria, e celebrando a relação com aqueles para além de si. Juntos, partilhavam o tão simples leite de uma refeição.

Como viu Hannah Arendt, «[...] os homens no plural, isto é, os homens que vivem e se movem e agem neste mundo, só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e ser inteligíveis entre si e consigo mesmos.»³ É essa a qualidade da pluralidade humana, a condição que se cumpre «pelo facto de sermos todos o mesmo, isto é, humanos, sem que ninguém seja exactamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.»⁴ O significado atribuído às coisas no mundo que partilhamos, e o sentido que encontramos nos empreendimentos humanos, tangíveis ou intangíveis, depende inteiramente dessa pluralidade, diz-nos Arendt, essa condição reconhecida através das nossas acções e que nos torna interdependentes uns dos outros, uma teia intrincada de relações humanas, neste mundo que nos acolhe e que partilhamos. Esta teia de relações que se gera, «tão vinculada ao mundo objectivo das coisas como o discurso à existência de um corpo vivo», que se concretiza «onde quer que os homens estejam juntos», e que perfilha a nossa condição humana nas suas diversas actividades, é concretamente o motor que, mediante as manifestas vontades, desejos, intenções e objectivos humanos, permite a produção de histórias, a ser compreendidas e celebradas, ao longo dos tempos. É através de uma recriação da história, do conto, que atrás se relata, que Evy Jokhova nos propõe reflectir acerca do facto de que somente conscientes desta pluralidade e interdependência com os outros, é que poderemos alcançar a felicidade.

No início de 2022, Evy Jokhova partilhou os seus dias com um povo indígena da floresta amazónica do Peru, a comunidade Shipibo-Konibo. Partilhou com esta comunidade os seus rituais diários, as suas cerimónias e os seus ritos, as suas crenças e habilidades. Como que percorrendo novos trilhos em tempos ancestrais, onde as mãos são o princípio, por excelência, da original interpretação e conhecimento do mundo, da natureza e dos seus fenómenos – lembremo-nos que as primeiras manifestações humanas sobre as quais há registos são feitas pela marca das mãos pintadas nas paredes das cavernas profundas, as mãos de alguém que tocou a rocha e gravou,

³ Hannah Arendt, *A Condição Humana*, tradução de Roberto Raposo, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001, p. 15.

⁴ *Ibidem*, p. 20. [tradução modificada]

3 + 1

assim, a sua existência –, Evy Jokhova foi convidada a conhecer a multiplicidade de hipóteses ligadas ao trabalho na cerâmica, na tecelagem e nos bordados, partilhados e ensinados pelos membros desta comunidade. Servindo-se das mãos, imitando-lhes os gestos como quem apela por conhecer, a artista criou um grupo de trabalho que nos revela, muito intimamente, o conhecimento e as manifestações do ser humano que se revelam, para nós, já tão distantes. Gestos primevos vinculados à terra, à água, ao tempo e aos lugares de um mundo virgem, original e puro, sobre o qual ainda se cumpre o respeito e eterna admiração pela sua constante metamorfose. Destes gestos que trazem o conhecimento deste mundo, resultam imagens de olhos vigilantes, criados pelas linhas bordadas, ou de mãos que delicadamente seguram pequenas fadas, como quem não quer deixar escapar desejos. Há figuras provenientes de sonhos e de medos indistintos, ou de memórias registadas de outrem, invocadas e desenhadas em pequenas folhas de papel. Há caminhos labirínticos e geométricos do pensar tingidos no tecido, mãos elevadas ao céu, procurando o sol e a lua. Há também mãos que, recortadas em tecidos das cores de folhas, de copas de árvores, de riachos e de céu no despertar da manhã, mostram a ligação à terra, às suas raízes, a um mundo comum. Caules muito altos, plantas e animais metamorfoseados na matéria porosa ou vidrada da cerâmica. Com eles, convivem três fotografias: são poros de plantas ou poros da nossa própria pele; espinhos aguçados ou temperamentos impetuosos; uma piscina de água esverdeada, parada, reflectindo a limpidez do céu e as formas escuras das árvores para lá dela ou, porventura, um espelho que reflecte o céu e a terra da qual fazemos parte, mas sobre os quais estamos quase sempre absortos, distraídos, alheados; espelho que nos mostra que a nossa condição de pluralidade só pode existir porquanto há um mundo que nos acolhe e nos une.

É esse sentimento de pluralidade intrínseca à nossa existência, a de procura de si e de encontro com o outro, que nesta exposição de Evy Jokhova se cumpre: aqui fazem-se ouvir suaves ecos e observam-se límpidos reflexos de um lugar que sempre nos une e que nos convida a repensar o nosso próprio lugar nele, a nossa dependência dos outros, a necessidade intrínseca de partilha de experiências e de histórias prontas a ser contadas e recontadas, cumprindo-se, assim, a celebração dos mistérios da nossa condição humana neste mundo.

Filipa Correia de Sousa, 11.2022

Evy Jokhova (Suíça, 1984 - EE/UK/RU) vive e trabalha entre Lisboa, Londres e Viena. Jokhova é uma artista multidisciplinar cuja prática dedica-se aos diálogos e relações entre a antropologia social, a arquitetura, a filosofia e a arte. Através do desenho, escultura, instalação, som, vídeo e performance, procura colmatar as lacunas entre as diversas áreas e as suas estruturas hierárquicas inerentes. Obteve o seu MA Fine Art da Royal College of Art (2011) e MA Political Communications de Goldsmith College (2013). Jokhova recebeu os prémios de Arts Council Individual Grants Award (2018), Royal Academy Schools Fellowship (2016-19), Royal British Society of Sculptors Bursary Award (2017-18), Wien Kultur Förderung (2017) e Amsterdam Fonds voor Kultur (2018). As residências incluem: Yarat Contemporary Art Space (2018), Belvedere Museum Vienna (2017), BijlmerAIR Amsterdam (2017), Villa Lena (2017), Nida Art Colony (2017) e Florence Trust (2008-09), entre outras. Os projetos individuais incluem: *How to live together*, CBK Zuidoost (Amsterdão, 2018); *How to live together*, CBK Zuidoost (Amsterdão, 2018); *The Shape of Ritual*, projeto encomendado pelo Belvedere Museum (Viena 2017); *Towering in the conditions of fragments*, Passen-gers (Londres 2017); *Staccato*, Marcelle Joseph Projects (Londres 2016). As exposições coletivas recentes incluem: *Ponto d'Orvalho*, comissariada por Joana Horta, Leonor Carrilho e Sergio Hydalgo, (Freixo de Meio, Alentejo 2021); *WOTRUBA. Himmelwärts*, com curadoria de Gabrielle Stöger-Spevak, Museu Belvedere (Viena, 2021); *Art in the Plague Year*, com curadoria de Douglas McCulloh, Nikolay Maslov e Rita Souther, UCR California Museum of Photography, (Califórnia, 2021); *On Photographic Beings*, Museu Nacional da Letônia (Riga 2020); *Boundary Layers*, Yarat Contemporary Art Space, (Baku 2019); *Prevent this Tragedy*, Dateagle / Vongoetz Art (Londres 2018); *Contemporary Sculpture Fulmer*, *Better Living: Tenderflix film festival*, *The Horse Hospital* (Londres 2017), entre outros. Desde 2014, a artista dirige *Allotment* – um projeto de pesquisa colaborativa que explora as relações sociais e as políticas culturais por meio da comida. O trabalho de Jokhova está nas coleções públicas da British Government Art Collection, Reino Unido; Biblioteca do Lafayette College, EUA; Royal College of Art, Reino Unido e Royal Shakespeare Company, Reino Unido.

3 + 1

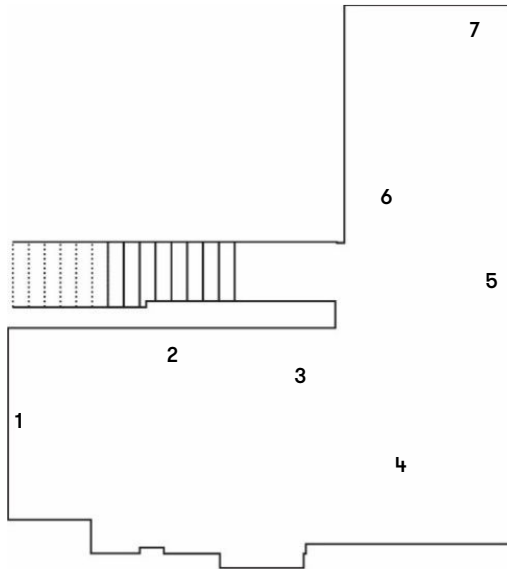
Three Colours: Green

Evy Jokhova

11.11.22 – 07.01.23

Inauguração, 11.11.22, 18h – 21h

GALERIA 1



1. Green: Briol, 2022

Impressão com tintas de arquivo sobre papel
Hahnemuhle, 46,7 x 35 cm, Edição de 3 + 1 PA

2. Green Sun, 2022

Algodão, linho, veludo sintético, aço, corante natural, fio
de algodão bordado, grés e vidro de porcelana
342 x 150 x 9 cm

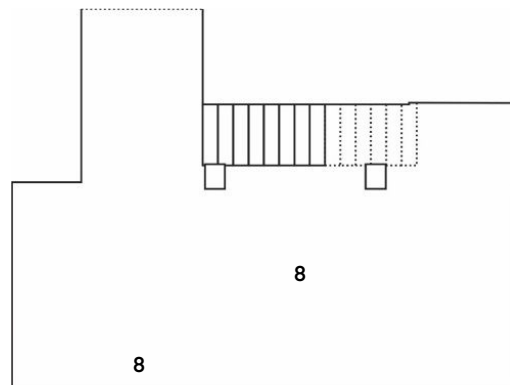
3. Picoesque, 2022

Grés, porcelana e esmalte cerâmico, plantas secas, aço,
cascalho vulcânico, 212 x 60 x 60 cm

4. Azoreana, 2022

Grés, porcelana e esmalte cerâmico, aço, cascalho
vulcânico, 245 x 95 x 120 cm

GALERIA 2



5. Green wall drawing, 2022, Mural, pastel

6. Tapadinhas, 2022

Grés, porcelana e esmalte cerâmico, plantas secas, aço,
cascalho vulcânico, 312 x 250 x 250 cm

7. Green: Necessidades (díptico), 2021

Impressão com tintas de arquivo sobre papel
Hahnemuhle, 102 x 68 cm, Edição de 3 + 1 PA

8. A philosophical question, 2022

Grés, porcelana e cerâmica, vidrados, plantas, solo,
aço, aventais de algodão feitos à mão e apliqué
Dimensões variáveis